

ESPAÇOS EDUCATIVOS

COMO FALAR DE SEXUALIDADES NA SALA DE AULA?

Profa. Drn. Benícia Oliveria da Silva*

Resumo

Atualmente, defendemos a importância de possibilitarmos discussões acerca das temáticas de sexualidades no espaço da sala de aula. A forma como abordar tais questões, nos provoca a pensar estratégias afinadas aos contextos de nossos/as estudantes. Trabalhar a partir de um artefato pedagógico potencializa aproximar o tema em pauta à realidade dos/as alunos/as, oportunizando que os/as mesmos/as identifiquem-se e estabeleçam relações como material disponibilizado pelo/a professor/a, efetivando as discussões e os significados produzidos ao longo da atividade.

Na pesquisa de mestrado, intitulada “Adolescências ‘caprichadas’: modos de produção da sexualidade feminina adolescente” analiso a seção Sexo da revista Capricho enquanto um artefato cultural, compreendendo que esse artefato constitui-se em uma pedagogia cultural que produz e divulga significados acerca da temática sexualidade, operando não apenas como fonte de informação ou entretenimento.

Além de possibilitar a discussão de questões como sistemas genitais, métodos contraceptivos, Aids e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), que já estão presentes nos currículos escolares e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a seção Sexo, promove abordar a sexualidade como uma produção cultural e social, entrelaçando à sexualidade temas acerca de anseios, medos, prazeres, comportamento, gênero e corpo que nem sempre são abordados nos currículos, problematizando, assim, diferentes representações e significados atribuídos à sexualidade e que circulam em nossa sociedade.

*Doutoranda do PPG Educação em Ciências (FURG).

Você conhece a revista?

A revista Capricho é uma revista quinzenal que tem como público-alvo meninas adolescentes. Foi criada em 1952, seu sucesso e liderança no mercado identificam-na como um artefato de grande circulação entre esse público.



Seção sexo

A seção Sexo está presente na revista Capricho desde junho de 2006, caracterizando-se como um espaço em que são discutidas questões relacionadas à intimidade e a momentos antes, durante e depois da relação sexual. Essa seção é produzida com a participação das leitoras, as quais têm seus comentários e opiniões em enquetes divulgadas na revista impressa.

A seção sexo enquanto artefato pedagógico

Assim como a revista Capricho, a seção Sexo, também é publicada quinzenalmente. A cada edição a coluna apresenta um assunto diferente relacionado à temática sexualidade, o qual é abordado e apresentado na edição impressa a partir de bate-papos entre as leitoras e as editoras, enquetes realizadas no site da revista e dicas e comentários de alguns/algumas

profissionais (sexólogos/as, psicólogos/as, terapeutas sexuais e ginecologistas). Veja os títulos - tema central - de algumas edições da seção Sexo e algumas possibilidades de abordagem pensadas a partir de cada edição:

Pfúla do dia seguinte

“Fique esperta: ela não é 100% eficiente”.

Métodos contraceptivos; gravidez não planejada; aborto; sistema genital feminino e masculino; maternidade e paternidade na adolescência.

Ele está pelado! Como encarar o garoto quando ele tira a roupa?

Diferenças entre os corpos masculinos e femininos; relações sexuais; relacionamento; abuso sexual; intimidade.

Claro que tem que usar!

A camisinha te ajuda a relaxar antes, durante e depois da transa.

Métodos contraceptivos; DST/Aids; responsabilidade pela prevenção; maternidade e paternidade na adolescência.

Me toque! Você já passou a mão nele?

Abuso sexual; intimidade; diferenças entre os gêneros.

Ele disse não! O garoto sempre fez de tudo para transar, até que...

Determinismo biológico nas relações de gênero

Só pro meu prazer... O que você sabe sobre masturbação?

Masturbação; relações de gênero.

E se ele me abandonar? É chato, mas o garoto pode te dar um fora logo depois do sexo.

Mitos, tabus e preconceitos acerca de comportamentos atribuídos ao gênero masculino; relações de gênero.

Hora certa. Qual o momento ideal para o sexo?

Dúvidas sobre a primeira relação sexual; métodos contraceptivos; DST/Aids.

As possibilidades de abordagem propostas sugerem pensar numa educação para a sexualidade para além do currículo escolar, ou seja, uma educação engendrada a um contexto sociocultural, que conforme Tomaz Tadeu da Silva apontou em seu livro Documentos de Identidade (2009, p. 14), propõe repensarmos qual conhecimento deve ser ensinado e, além disso, questionarmos: “O que eles ou elas querem saber?” “Qual o conhecimento ou saber é considerado parte do currículo?”

Talvez, o primeiro passo para referência uma materialidade biologicamente natural. Isso não significa que órgãos genitais e hormônios não são pontos importantes a serem estudados. São sim! No entanto, ao estudarmos a sexualidade apenas como algo biológico e natural, estaremos supondo que todos os sujeitos compartilham das mesmas características anatômicas e fisiológicas, limitando-os/as a uma única forma de viver e expressarem seus corpos e comportamentos, ignorando suas experiências, suas histórias, suas culturas. Fundamentados pelo discurso biológico, alguns significados vão respondermos a essas questões seja pensarmos no currículo não como o único documento-base do processo de ensino-aprendizagem e muito menos contemplar seus conteúdos como os únicos a serem trabalhados no contexto escolar. Tradicionalmente, para problematizar os conhecimentos acerca da sexualidade, as escolas têm se utilizado de alguns artefatos legitimados pelo currículo escolar, como livros didáticos, palestras, cartazes, manuais, guias de educação

sexual. Na perspectiva dos Estudos Culturais, podemos compreender que outros artefatos como filmes, revistas, gibis, livros paradidáticos, programas de televisão, propagandas, internet (Facebook, Orkut, blogs, sites), entre outros, podem ser utilizados no espaço escolar para discutir essas temáticas e tantas outras que vêm interpelando os/as estudantes de nossas salas de aula. Trabalhar as questões acerca das sexualidades a partir de artefatos culturais possibilita múltiplas abordagens, que não só a respaldada em discursos cientificistas, que tomam como referência uma materialidade biologicamente natural. Isso não significa que órgãos genitais e hormônios não são pontos importantes a serem estudados. São sim! No entanto, ao estudarmos a sexualidade apenas como algo biológico e natural, estaremos supondo que todos os sujeitos compartilham das mesmas características anatômicas e fisiológicas, limitando-os/as a uma única forma de viver e expressarem seus corpos e comportamentos, ignorando suas experiências, suas histórias, suas culturas. Fundamentados pelo discurso biológico, alguns significados vão sendo socialmente naturalizados e outros discursos vão sendo produzidos como, por exemplo, o discurso da família-reprodução, em que a heterossexualidade é dada como norma. Ao reproduzir e divulgar esse discurso, estamos relacionando a sexualidade à procriação e consecutivamente à copulação, reforçando a ideia de que a sexualidade somente está ligada ao ato sexual e elegendo uma única representação de modelo familiar, formado por um casal heterossexual e seus/as filhos/as. Assim, quando os saberes produzidos acerca da sexualidade estão atrelados ao discurso reprodutivo, efetiva-se a relação heterossexual como privilegiada. Nos títulos da seção Sexo, por exemplo, é possível identificar a heterossexualidade como a única forma possível de relacionamento: “Ele está pelado!...”; “Me toque! Você já passou a mão nele?”; “Ele disse não!...”; “E se ele me abandonar...”. O outro, com quem a leitora se relaciona, é sempre representado pelo gênero masculino, deste modo, o modelo de adolescente que a revista reafirma é o heterossexual.

Pensemos juntos/as: Será...

...que todas as leitoras se identificam como heterossexuais?

...que ao lermos revistas e jornais, ao assistirmos filmes, novelas e propagandas, ao ouvirmos música, percebemos o tanto de significados que esses artefatos (re)produzem?

...que as adolescentes percebem o discurso da heterossexualidade como norma, implícito na seção Sexo?

Esta é a proposta ao fazer a análise de um artefato cultural: pensar sobre ele. Problematicá-lo. É nesse sentido, que neste texto proponho a seção Sexo com um artefato para discutir a temática sexualidade na sala de aula. Pois, embora ainda reproduza conceitos heteronormativos, a seção Sexo oportuniza que múltiplas discussões acerca das sexualidades - diferenças e relações de gêneros; múltiplas formas de relacionamentos; relações sexuais além de finalidades reprodutivas; maternidade e paternidade na adolescência; abuso sexual; intimidade; masturbação; entre outras - sejam inseridas na sala de aula.

Assim, possibilita-se uma aprendizagem acerca da sexualidade para além de uma ciência sexual puramente biológica. Desloca-se o entendimento de uma educação para a sexualidade - fundamentada apenas em órgãos, hormônios e doenças que devem ser prevenidas - para uma educação na qual os/as estudantes se reconheçam como sujeitos de suas sexualidades. Isso implica reconhecer os sujeitos a quem estamos “educando sexualmente”, não como sujeitos universais, mas que individualmente vivem suas sexualidades no sentido amplo de suas existências, ou seja, hormônios, órgãos, corpos, prazeres, anseios, desejos, comportamentos, contexto sociocultural, elementos que atuam de forma integrada na constituição da sexualidade.

Fonte (imagens):

CAPRICHOS. Revista. Ed. 1186. São Paulo: Abril, outubro 2013.

SEXO, Seção. In: CAPRICHOS, Revista. Ed. 1186. São Paulo: Abril, outubro 2013, p. 66.

Referências:

HALL, Stuart. The Work of Representation. In:_____ (Org.). **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London/Thousand Oaks/ New Delhi: Sage/Open University, 1997. p. 1-73.

RIBEIRO, Paula Regina Costa, SOUZA, Diogo Onofre. **Falando com professoras das séries iniciais do ensino fundamental sobre sexualidade: a presença do discurso biológico**. Enseñanza de las Ciencias, Barcelona, v. 21, p. 67-75, 2003.

SEXO, Seção. In: CAPRICHOS, Revista. São Paulo: Abril, ago. 2008/ago. 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.